


A INFLUÊNCIA DAS IDEALIZAÇÕES NARCÍSICAS NAS RELAÇÕES FAMILIARES

THE INFLUENCE OF NARCISSISTIC IDEALIZATIONS ON FAMILY RELATIONSHIPS

Daniela Oliveira da Costa	Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil e-mail danielacosta921@gmail.com
Douglas Ribeiro Baptista Chaves	Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil e-mail dbch400@gmail.com
Olívia Barbosa Miranda	Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil e-mail oliviabmiranda@gmail.com
Resumo	<p>O presente artigo objetiva expor o conceito de Narcisismo em suas diferentes formas na contemporaneidade e suas consequências nas relações familiares. Foi realizada uma revisão bibliográfica, construída a partir das contribuições de Freud, psicanalistas e teóricos de outras abordagens, que dialogam com o tema. Discutindo diferentes visões, necessárias à compreensão do assunto, são apresentadas duas vertentes, a visão psicanalítica e a clínica. Esperamos contribuir para desmistificar estigmas relacionados ao Narcisismo, propondo um olhar crítico e teoricamente fundamentado, com ênfase num pensamento não patologizante. Percebemos que há artigos que abordam o conceito de Narcisismo, mas quando se trata de idealizações nas relações familiares, pouco se discute sobre seu surgimento e impactos. Através da discussão proposta, pretendemos buscar um maior aprofundamento sobre o tema.</p>
Palavras-chave	Narcisismo. Fantasia. “Pais narcisistas”. Psicanálise.
Abstract	<p>The present article intends to expose the concept of Narcissism in its different forms in contemporaneity and its consequences in family relationships. A bibliographical review was carried out, based on the contributions by Freud, psychoanalysts and theorists of other approaches, which dialogue with the theme. Discussing different views, necessary to understand the subject, two strands are presented, psychoanalytic and psychological views. We hope to contribute to demystify stigmas related to Narcissism, proposing a critical and theoretically grounded look, with emphasis on non-pathologizing thinking. We noticed that there are articles that address the concept of Narcissism, but when it comes to idealizations in family relationships, little is discussed about its influences and impacts. Through the proposed discussion, we intend to seek a greater depth on the subject.</p>
Keywords	Narcissism. Fantasy. “Narcissistic parents”. Psychoanalysis.
	Licença de Atribuição BY do Creative Commons https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/
	Aprovado em 30/11/2023 Publicado em 31/12/2023

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca compreender o conceito de Narcisismo, a partir das elaborações de Freud, relacionando-o com o trabalho de psicanalistas e teóricos de outras abordagens.

Durante o percurso de nossa formação universitária, surgiu o interesse pelo tema a partir de nossas vivências pessoais e a relevância que tal assunto possui para a sociedade atual. Percebemos que se tem falado muito sobre “pais narcisistas”, se referindo a um Transtorno de Personalidade. Sua presença frequente nas redes sociais pode ser notada ao navegarmos por esses espaços virtuais, os quais denunciam, de modo sintomático, o fenômeno da medicalização da sociedade, em que o mal-estar e os impasses inerentes às relações humanas são lidos como índices de alguma patologia. (ABREU; MELO, 2022; SILVA; CANAVEZ, 2017).

Neste trabalho, como já mencionado, temos o intuito de apresentar as contribuições da psicanálise sobre o Narcisismo, ampliando o olhar sobre o termo e buscando compreendê-lo melhor. Buscamos, também, apresentar a perspectiva da psiquiatria hegemônica, através do DSM-V – manual diagnóstico norte-americano –, traçando um paralelo com a Terapia Cognitivo Comportamental. Pretendemos, ao salientar as contribuições de Freud, desmistificar os possíveis significados negativos vinculados à palavra narcisismo.

METODOLOGIA

O presente artigo foi elaborado a partir de uma revisão bibliográfica, nas bases de dados indexadas e nos textos clássicos, com a finalidade de compreender o conceito de Narcisismo, o modo como ocorrem as idealizações nas relações parentais e seus possíveis impactos sobre os filhos. Este método mostra-se adequado àquelas pesquisas cujo objetivo é ampliar a visão sobre determinado tema, tal qual este trabalho.

PATOLOGIZAÇÃO DO TERMO NARCISISMO

Freud lança mão do mito de Narciso, um dos mais famosos na mitologia grega, em suas elaborações sobre o funcionamento do Ego, assim como se utiliza dos mitos, em outros momentos de sua obra, em sua tentativa de explicar o funcionamento psíquico. Uma das versões mais conhecidas sobre Narciso conta a história de um jovem que se apaixona pela própria imagem refletida no rio, levando a sua trágica morte. (DUGNANI; CRUZ, 2007; VIANNA, 2014).

Seu texto *Uma Introdução ao Narcisismo* (1914), considera o Narcisismo uma fase fundamental do desenvolvimento humano, não estando associado, necessariamente, a um transtorno. Na atualidade, o termo vem ganhando cada vez mais significados negativos e sendo visto como uma patologia. (ABREU; MELO, 2022).

Na sociedade atual, o uso exacerbado da tecnologia e de mídias sociais vem contribuindo

para a patologização do termo. De acordo com os autores Lejderman e Dal Zot (2020), a demasiada exposição às mídias sociais ocasiona uma preocupação com a perfeição, onde falhas não são admitidas, levando a uma busca contínua pela admiração de outras pessoas. (LEJDERMAN; DAL ZOT, 2020).

É notável que as redes sociais têm estimulado, cada vez mais, os usuários a buscarem atingir padrões inalcançáveis. Essas plataformas têm atraído pessoas com características narcisistas e não as criando. (BUFFARDI et al, 2008 apud LEJDERMAN; DAL ZOT, 2020). Sendo assim, as redes sociais são hoje uma ferramenta de expressividade, as quais podem permitir identificar com mais clareza esses comportamentos .

Atualmente, o narcisismo tem sido muito comentado em diversos espaços, como Instagram, Tik Tok, entre outros. As contribuições de Freud (1914) sobre o assunto, de modo geral, não são consideradas, reforçando, ainda mais, sua patologização. Lejderman e Dal Zot (2020) apontam que, caso haja um excesso de manifestações narcisistas, características patológicas com comprometimento no pensamento e comportamento poderão ocorrer. (LEJDERMAN; DAL ZOT, 2020).

Segundo o DSM-V (APA, 2013), o Transtorno de Personalidade Narcisista caracteriza-se como:

Um padrão difuso de grandiosidade (em fantasia ou comportamento), em que há necessidade de admiração e falta de empatia. Surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos, conforme indicado por cinco (ou mais) dos seguintes critérios: 1. Tem uma sensação grandiosa da própria importância (por exemplo, exagera conquistas e talentos, espera ser reconhecido como superior sem que tenha as conquistas correspondentes); 2. É preocupado com fantasias de sucesso ilimitado, poder, brilho, beleza ou amor ideal; 3. Acredita ser “especial” e único e que pode ser somente compreendido por, ou associado a, outras pessoas (ou instituições) especiais ou com condição elevada; 4. Demanda admiração excessiva; 5. Apresenta um sentimento de possuir direitos (expectativas irracionais de tratamento especialmente favorável ou que estejam automaticamente de acordo com as próprias expectativas); 6. É explorador em relações interpessoais (tira vantagem de outros para atingir os próprios fins); 7. Carece de empatia: reluta em reconhecer ou identificar-se com os sentimentos e as necessidades dos outros; 8. É frequentemente invejoso em relação aos outros ou acredita que os outros o invejam; 9. Demonstra comportamentos ou atitudes arrogantes e insolentes. (APA, 2013, pp. 669-670).

O diagnóstico é realizado por um médico psiquiatra durante entrevista (anamnese) em que são apresentadas perguntas estruturadas, de modo a identificar se o paciente preenche pelo menos cinco critérios da patologia, dentre os citados acima. Porém, apenas com essa avaliação não há garantia de um diagnóstico concreto, não sendo possível determinar a gravidade do quadro. Outra limitação, é o fato do Transtorno de Personalidade Narcisista, geralmente, ser confundido com outros Transtornos de Personalidade, como Borderline, Bipolar, Antissocial ou Histriônica, devido a semelhança dos sintomas. (VARELLA, 2022).

Na visão atual da psiquiatria, o tratamento deve ser realizado por profissionais da saúde mental, através do uso de medicamentos para o controle de alguns sintomas e de acompanhamento psicoterapêutico. (VARELLA, 2022).

Muitos pacientes acreditam que esse comportamento desadaptativo seria uma característica de sua própria personalidade e não algo que possa ser mudado, enxergando isso como uma verdade

absoluta. Geralmente, pessoas com esse transtorno, demoram buscar ajuda médica. (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

De acordo com a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), abordagem da psicologia elaborada por Aaron Beck, o narcisismo é compreendido como um Transtorno de Personalidade, diferindo, portanto, da psicanálise que o entende como uma fase do desenvolvimento.

Jeffrey Young teceu contribuições ao modelo cognitivo de Aaron Beck, a fim de tratar todos os transtornos de personalidade, enfatizando o Esquema Inicial Desadaptativo (EID). Essa teoria surgiu em meados dos anos 80 com a finalidade de tratar pacientes que não estavam se adaptando ao modelo de tratamento da TCC clássica. (CAZASSA; OLIVEIRA, 2008 apud ISOPPO, 2012).

O EID reúne padrões emocionais e cognitivos que são responsáveis pelo funcionamento da personalidade, sendo constituído de crenças e sentimentos que o sujeito toma para si e para o mundo como verdade absoluta. (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Jeffrey Young elaborou, através de seus estudos, a Terapia Focada nos Esquemas/ Terapia dos Esquemas, ampliando a TCC clássica, dando destaque "à investigação das origens infantis e adolescentes dos problemas psicológicos, às técnicas emotivas, à relação terapeuta-paciente e aos estilos desadaptativos de enfrentamento". (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Behary (2011) apontou o modelo sugerido por Young como sendo o mais eficaz para o tratamento do Transtorno da Personalidade Narcisista, enfatizando um nível mais aprofundado de cognição, com enfoque em auxiliar as pessoas a lidarem com traumas experienciados há muito tempo, como forma de evitar o surgimento de traços narcisistas. (BEHARY, 2011 apud ISOPPO, 2012).

NARCISISMO EM FREUD

O termo 'narcisismo' teve sua primeira aparição no século XIX, no final do ano de 1898, quando foi introduzido na psiquiatria pelo teórico Havelock Ellis. Foi descrito como a sexualidade direcionada ao próprio corpo do sujeito. (ELLIS, 1898 apud GUIMARÃES; ENDO, 2014).

No ano seguinte, em 1899, o termo foi registrado pelo médico psiquiatra Paul Näcke como *Narcismus*, através da comunidade científica. Posteriormente, sua escrita foi consolidada em alemão, para *Narzissismu*. Mais adiante, Freud vai escrever a palavra de outra maneira, trazendo grandes contribuições acerca desta e ampliando a compreensão sobre o conceito. (GUIMARÃES; ENDO, 2014).

Ao abordar o tema, percebemos a existência de uma confusão entre os conceitos de Narcisismo e de Autoerotismo. Para Ellis (1898), Autoerotismo seria um "fenômeno da emoção sexual espontânea gerada na ausência de um estímulo externo proveniente, direta ou indiretamente, de outra pessoa" (ELLIS, 1898 apud GUIMARÃES; ENDO, p. 439). Ou seja, quando há ausência de um objeto externo de prazer para o indivíduo, ele automaticamente direcionará a libido para o próprio corpo, sendo a masturbação uma das práticas utilizadas pelo autor como exemplo. Ele

salienta que existem outras formas de autoerotismo.

Segundo Freud (1914), o Narcisismo é a libido retirada do mundo externo e que se volta para o Eu, podendo se estender ao longo da vida e estando relacionado a aspectos como a autoestima e o cuidado de si.

Para o psicanalista, Narcisismo e Autoerotismo não são equivalentes, sendo esse último definido como o estado inicial da libido, onde as pulsões, presentes desde o início, buscam satisfação no próprio corpo. Já o Narcisismo se trata de uma fase intermediária entre o Autoerotismo e o amor objetal. Afirma, então, que o Autoerotismo antecede o Narcisismo, acreditando que esta etapa do desenvolvimento é comum a todos, fazendo-se necessário atravessá-la no processo de constituição subjetiva. (FREUD, 1914).

Para Freud, Autoerotismo é um fator primordial, a partir do qual é constituído o Narcisismo, sendo uma característica inata a todo ser humano. Faz-se necessário, no processo de constituição subjetiva que se acrescente algo ao autoerotismo, para que assim, o Narcisismo se manifeste. Se o Autoerotismo diz respeito a libido voltada ao próprio corpo, pode-se dizer que ao ser acrescentada uma nova ação psíquica a ele – a libido objetal –, o Narcisismo tem origem. (FREUD, 1914).

Em sua tentativa de explicar o Narcisismo, Freud divide o conceito em duas vertentes: Narcisismo Primário e Narcisismo Secundário.

Após o nascimento, o bebê se encontra curioso consigo mesmo e com o mundo que o rodeia. Nesse processo, acredita que todos os objetos, principalmente a figura materna, fazem parte de si mesmo. Por meio da atenção redobrada dos pais nos estágios iniciais de desenvolvimento, toda vez que surge algum desconforto interno na criança, ela automaticamente adquire a percepção de si, sentindo que naquele momento de sua vida, tudo gira em torno de si mesma. Essa fase, dura apenas algumas semanas, até que o bebê comece a identificar que suas necessidades básicas são supridas por alguém. A partir disso, a criança consegue perceber o outro, assim como a falta deste, sendo esse momento caracterizado como o Narcisismo Primário. (NARCISISMO, 2021).

Já o Narcisismo Secundário, se caracteriza como o resultado da libido depositada no objeto e que agora retorna para o Eu, promovendo modificações, ele se constitui com base no Narcisismo Primário. (FALCÃO, 2014).

Freud observa que não é possível haver um equilíbrio entre a libido do Eu e a libido do objeto, apontando que quanto mais há investimento em uma, conseqüentemente há empobrecimento da outra. Um exemplo dado por ele, é quando o indivíduo sofre de uma dor orgânica e automaticamente não tem seu interesse despertado por elementos que não correspondam a esse sofrimento, desviando assim, sua libido de objetos amorosos e, focando unicamente em sua dor. Isso significa que enquanto sofre de alguma enfermidade, ele cessa de amar. Por fim, complementa que o ser humano pode permanecer narcisista em certa medida, mesmo depois de ter encontrado objetos externos para investir sua libido. (FREUD, 1914).

NARCISISMO DOS PAIS

Freud (1914) postula que o amor e cuidado, notórios na relação dos pais para com seus filhos, se trata, na verdade, do narcisismo atualizado desses pais, como podemos ler no trecho: “quando vemos a atitude terna de muitos pais com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado”. (FREUD, 1914, p. 25).

O narcisismo, que antes fora deixado de lado por alguma razão, vem à tona com a chegada de um bebê, sobre o qual são depositadas expectativas de que venha a suprir tudo o que fora idealizado por seus pais e até mesmo materializar os sonhos não concretizados destes. (FREUD, 1914).

Como consequência do lugar de centralidade em que o bebê é colocado pelos pais, Freud (1914) vai utilizar a expressão “Sua Majestade, o bebê!” para se referir à criança recém-chegada. Esse lugar diz respeito ao modo como o bebê é visto por esses pais e onde é posto por eles, pois antes mesmo de nascer, essa criança já é falada, ocupando um lugar ao qual é destinado nessa família. O sujeito, então, deverá superar as idealizações inconscientes de seus pais. (MIRANDA, 2013).

Muitas vezes, o filho é visto por seus pais como um ser intocável/ perfeito, tendo seus defeitos ocultos para eles. Em contrapartida, um observador neutro, sem um vínculo tão forte com a criança, irá possuir uma visão mais crítica sobre ela. Freud (1914) diz, também, que uma mulher, não precisa, necessariamente, transferir sua libido ao marido, podendo direcioná-la ao filho, sendo este seu objeto de amor, sobre o qual irá depositar suas expectativas.

Após o processo de gestação, em um primeiro instante, a libido da mãe é tida como objetal e narcísica. Esse mecanismo fica evidente, pois esse indivíduo que chegou ao mundo é idealizado como a extensão dos seus pais, ao mesmo tempo em que é considerado como autônomo. Gradualmente, conforme o bebê vai se desenvolvendo, esse investimento objetal vai se evidenciando e sendo privilegiado em detrimento da idealização parental. (FERRARI; PICININI; LOPES, 2006 apud ABREU & MELO, 2022).

Quando a mãe não consegue distinguir suas fantasias inconscientes desse bebê, ela vai enxergá-lo como uma extensão de si e, ele, automaticamente, terá como dever suprir todas as falhas que ocorreram na infância da sua mãe. (ABREU; MELO, 2022).

Segundo Brazelton e Cramer (1992), alguns motivos narcisistas que sustentam esse desejo da mulher de ter um filho são, a vontade de conservar a sua própria imagem idealizada; o desejo de ter uma cópia de sua pessoa; um desejo de espelhar no outro; anseio de realizar os seus ideais etc. (BRAZELTON; CRAMER, 1992 apud PRETTO, 2010).

Quando os autores colocam em questão o desejo da mãe, afirmam que há uma satisfação desse desejo tanto com a gravidez, quanto com a existência dessa criança. Para muitas, a gravidez desperta o sentimento de plenitude e completude, com isso, experienciando a potencialidade do corpo. Assim, uma dimensão a mais é acrescentada, como forma de exibição desse corpo, de maneira a se orgulhar dele. (BRAZELTON; CRAMER, 1992 apud PRETTO, 2010).

Referente ao desejo da figura materna de se completar, há também uma suposição de uma relação simbiótica, ou seja, uma fusão entre 2 indivíduos que não podem se desvincular. Essa relação só acontecerá, se houver uma identificação cruzada, onde ambos depositaram os conteúdos psíquicos um no outro de maneira inconsciente. Nesse caso, essa mãe espelhará a relação que tinha com a sua própria mãe, desejando ser para o bebê o que experienciou no passado, muitas vezes vindo a ser uma versão melhorada. (BRAZELTON; CRAMER, 1992 apud PRETTO, 2010).

O desejo acalentado de uma mulher para ser mãe, pode surgir a partir dessa noção de autoduplicação, acreditando que por meio da gravidez, sua geração será imortal. A criança terá como função principal, dar continuidade à árvore genealógica de sua mãe. Brazelton e Cramer (1992), reforçam que esse fenômeno ocorre, pois a mãe deseja se espelhar no bebê. Esse interesse por essa imagem pressuposta, poderá abarcar também os ideais e a cultura familiar da mãe, uma vez que, esse indivíduo que irá chegar ao mundo, poderá ser visto como uma promessa de continuidade, sendo representada, como exemplo desses valores familiares. Esse bebê, provavelmente será portador de características, nome e até mesmo poderá seguir a profissão dominante constituída naquele âmbito familiar. (BRAZELTON; CRAMER, 1992 apud PRETTO, 2010).

Por meio de todas essas expectativas e anseios que surgem durante o processo de gestação, é importante salientar que todo recém-nascido pode carregar uma bagagem de decepção. Isto é, nenhum bebê é capaz de suprir as fantasias que são idealizadas desde o ventre, em relação ao que possa acontecer no futuro. Esse fato acontece, pois para todo pai/mãe existem três tipos de bebê diferentes: a criança idealizada desde o ventre; o feto invisível real (visto apenas pela tecnologia); e por fim, o recém-nascido, que pode ser visto, ouvido e tocado. (PRETTO, 2010).

Antes mesmo de conceber o bebê, quando os pais expressam o desejo por ele, começa a ser construído um vínculo afetivo. Esse vínculo se desenvolve por meio de interações imaginárias com a criança, mesmo que ela ainda não exista fisicamente, mas esteja nos planos futuros do casal. No entanto, as expectativas que os pais têm em relação ao seu filho podem persistir após o nascimento, o que pode ser prejudicial para a interação mãe-bebê no futuro. Nem sempre a criança desejada e idealizada se torna exatamente aquela que os pais esperam. (BRAZELTON; CRAMER, 1992 apud PRETTO, 2010).

Pretto (2010) afirma que esse bebê carrega consigo as expectativas da gestação, mas é ele também quem abre caminho para o bebê real. Em outras palavras, cria-se uma grande expectativa em torno desse novo ser, juntamente com um potencial significativo de desapontamento quando os pais se deparam com o bebê real, que pode ser diferente daquele idealizado anteriormente.

DISCUSSÃO

Diante do exposto até aqui, notamos que as idealizações parentais se dão a partir do imaginário do casal em relação ao bebê que está por vir. Observamos, ainda, que os pais tendem a alimentar fantasias a respeito da criança, mesmo após o seu nascimento. Dessa maneira, haverá

dificuldades na relação mãe-filho, quanto ao modo de enxergá-lo, não sendo visto como é de fato. O processo de gestação pode proporcionar muitas expectativas em torno do bebê, porém é esse bebê que irá abrir caminhos do passado para o bebê real. Com isso, a criança que ainda se encontra em desenvolvimento na barriga da mãe, seria o bebê do seu inconsciente ou bebê fantasmático. (PRETTO, 2010).

O termo fantasia, introduzido por Freud, foi inicialmente denominado de “fachadas psíquicas”, como forma de mascarar as lembranças infantis. Esse conceito foi formulado através de seus estudos com Breuer acerca da histeria. A partir de suas contribuições, o conceito foi adquirindo significados mais abrangentes. (SOARES et al, 2008). De acordo com Freud (1907):

O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali retrocede a lembrança de uma experiência anterior, na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. (FREUD, 1907, p. 153)

De forma geral, a fantasia é uma construção do sujeito, não se constituindo a partir do nada, são necessários modelos, como uma imagem de apoio. Dessa maneira, a fantasia pode perpassar os períodos passado, presente e futuro do sujeito, sendo entrelaçados pelo desejo, que pode ocorrer de maneira ilusória, a partir da realidade que não foi satisfeita. Portanto, a fantasia é vista como vivências que deixaram, de alguma forma, marcas no inconsciente desse indivíduo. Muitas vezes não ocorreram de fato. Na tentativa de satisfação do desejo, podem combinar o que de fato ocorreu com o que foi criado. (SOARES et al, 2008).

Desde o nascimento, o bebê carrega consigo um potencial de decepção, mas na adolescência, em especial, isso mais se evidencia. Para os autores “lacanianos”, a adolescência é compreendida como uma operação psíquica, a qual se constitui a partir da relação com o Outro. Dessa maneira, pode-se dizer que o sujeito que se encontra na ‘adolescência’, passará por várias modificações fisiológicas e sociais, para que se possa formar sua subjetividade. (MACEDO, 2010).

Nem sempre os pais terão total controle sobre a situação, podendo ser um período marcado por diversas frustrações, uma vez que as idealizações acalentadas desde o ventre vão sendo fragmentadas daí em diante. Por muitas vezes, esses pais acreditam que seus filhos serão uma extensão de si, quando idealizam, inconscientemente, todo o futuro destes. Quando se deparam com o indivíduo real, que pode apresentar características que não correspondem ao idealizado, há uma quebra de expectativas. Inevitavelmente, esses pais tendem a passar pela experiência do luto pelo filho idealizado e o que agora se apresenta. (PRETTO, 2010; RODRIGUEZ, 2007)

Como consequência, os pais podem vir a desenvolver uma repulsa em relação ao filho e se distanciarem deste. Com isso, o que antes era amor, passa a ser ódio.

Quando o objeto se torna fonte de sensações prazerosas, produz-se uma tendência motora que busca aproximá-lo do Eu, incorporá-lo ao Eu; fala-se então da “atração” que o objeto dispensador de prazer exerce, e diz-se que se “ama” o objeto. Inversamente, quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, há uma tendência que se esforça por aumentar a distância entre ele e o Eu, repetir a original tentativa de fuga face ao mundo externo emissor de estímulos. Sentimos a

“repulsão” do objeto e o odiamos; esse ódio pode então se exacerbar em propensão a agredir o objeto, em intenção de aniquilá-lo. (Freud, 1915, p. 55).

Quando o adolescente foge do padrão estipulado pelos pais, tende a causar um impacto nesse ambiente, prejudicando, assim, as relações familiares. Esses pais tendem a não compreender a singularidade desse sujeito, que possui desejos e que agora está se tornando um ser autossuficiente, não necessitando de cuidado constante, como quando era bebê. Os pais irão assim, permanecer com a ideia de uma relação simbiótica, conforme exposto anteriormente. (BLEGER, 1977 apud AZEVEDO; NEME, 2009)

Com o passar dos anos, esse adolescente irá experienciar o que o mundo tem a lhe oferecer, passando a ter uma nova visão de mundo, propiciando que este constitua sua subjetividade. Podemos considerar como exemplos desse processo de descoberta de si questões como: orientação sexual, identidade de gênero, gostos pessoais, crenças etc. Mediante isso, vai se desvencilhando, aos poucos dessa bolha criada pela família, podendo gerar ou não diversos conflitos no núcleo familiar.

Embora a adolescência não seja um conceito encontrado em Freud, sua abordagem na psicanálise apresenta especificidades que extrapolam a finalidade desse trabalho. Ainda assim, optamos por trazer o tema para a discussão, de modo a ilustrar as questões explicitadas até aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos expor, neste trabalho, as diferentes formas como o narcisismo vem sendo abordado na atualidade. Ao iniciarmos nossa pesquisa, na qual buscávamos compreender melhor como o narcisismo opera nas relações familiares, nos deparamos com concepções um tanto quanto distintas entre si.

Embora as versões que igualam o narcisismo à patologia sejam predominantes nas mídias sociais, nos manuais diagnósticos e para algumas abordagens da psicologia, a perspectiva trazida pela psicanálise mostrou-se mais elucidativa diante das questões que despertaram nosso interesse pelo tema.

Optamos, nesse artigo, por priorizar as elaborações freudianas sobre o narcisismo, no entanto, faz-se necessário sinalizar a relevância das contribuições do psicanalista francês, Jacques Lacan. Seu trabalho de 1949, intitulado “O estádio do espelho como formador da função do eu”, descreve importante fase da constituição psíquica, entre os seis e os dezoito meses de idade, quando o bebê começa a reconhecer a sua própria imagem refletida no espelho, possibilitando uma maior compreensão de questões levantadas por Freud em sua obra.

Concluimos que foi de grande valia a investigação sobre o assunto, pois percebemos que ele perpassa algumas relações familiares atuais. O aprofundamento em relação ao tema e a realização de novas pesquisas sobre o conceito de Narcisismo, em interlocução com as relações parentais, desponta como um campo a ser explorado.

Desse modo, esse artigo contribuiu para a ampliação da discussão acerca do tema, já que são

poucos os trabalhos encontrados que abordam esse assunto de forma mais específica, tal qual foi a nossa proposta.

AGRADECIMENTOS

Aos Professores Me. Claudio Ramos Peixoto e Dra. Milene Santiago Nascimento pelas generosas sugestões na defesa de nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, L. A., MELO, N. S. Mães narcisistas: a maternidade tóxica e os possíveis danos psico-comportamentais aos filhos. 8. ed., v. 4, n. 7, pp. 15-47. São Paulo: **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, 2022. Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/maternidade-toxica>. Acesso em: 14 de maio de 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AZEVEDO, G. M. G., NEME, C. M. B. Simbiose e Psoríase: um estudo psicanalítico. v. 77, n. 2, pp. 307-321. São Paulo: **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, 2009.

BREUER, J.; FREUD, S. (1895). **Estudos Sobre a Histeria**. edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 2, pp. 15-297. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

CAZASSA, M. J., OLIVEIRA, M. S. Terapia Focada em Esquemas: conceituação e pesquisa. v. 35, n. 5, pp. 187-195. São Paulo: **Revista de Psiquiatria Clínica**, 2008.

DUGNANI, P.; CRUZ, L. A. Mitologia e pós modernidade: Proteus, Argo e Narciso – Os mitos e seus reflexos na sociedade. v. 1, n. 1, pp. 201-206. Belo Horizonte: **Anuário de Produção Acadêmica Docente, Sistema Anhanguera de Revistas Eletrônicas – SARE**, 2007. Disponível em: <[v.1, n.1, 2007 \(researchgate.net\)](#)>. Acesso em: 03 de ago de 2023.

FALCÃO, L. Cem anos de narcisismo: aquém psicanálise e além de Freud. v. 48, n. 3, pp. 41-56. São Paulo: **Revista Brasileira de Psicanálise**, 2014.

FERRARI, A. G.; PICININI, C. A.; LOPES, R. S. O narcisismo no contexto da maternidade: algumas evidências empíricas. v. 37, n. 3, pp. 271-278. Rio Grande do Sul: **Revista Psico**, 2006. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1448>>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

FREUD, S. (1907) **Escritores Criativos e Devaneios**. ed. E.S.B., v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1950.

_____. (1914). **Introdução ao Narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos. ed. 1ª, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GUIMARÃES, L. M.; ENDO, P. A origem da palavra narcisismo. 17. ed., v. 3, pp. 431-449. São Paulo: **Latinoam. Psicopat. Fund**, 2014.

ISOPPO, G. S. L. **Terapia Focada em Esquemas e Personalidade Narcisista**: um entendimento acerca deste transtorno. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS: Porto Alegre, 2012.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp.96-103.

LEJDERMAN, B.; DAL ZOT, J. Narcisismo e Redes Sociais. v. 22, n.2, pp. 55-67. Porto Alegre: **Revista Brasileira de Psicoterapia**, 2020.

MACEDO, M. M. K. **Adolescência e psicanálise**: intersecções possíveis. EDIPUCRS ,2. ed, p. 201. Porto Alegre, 2010.

MIRANDA, O. B. **Repetição e Gozo**: meu bem, meu mal. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais: Repositório Institucional UFJF, 2013.

NARCISISMO Primário e Secundário. São Paulo: **INSIGHT Psicanálise**, 2021. Disponível em: <https://insight.org.br/narcisismo-primario-e-secundario/>. Acesso em: 02 de junho de 2023.

PRETTO, J. P. A influência do desejo parental nas altas habilidades/ superdotação: Uma abordagem psicanalítica. v. 12, n. 5, pp. 859-869. São Paulo: **Rev. CEFAC**, 2010.

RESENDE, F. M. **Características narcísicas da personalidade e o uso de Internet entre estudantes universitários**. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e aprendizagem, Universidade Estadual Paulista. São Paulo: Repositório Institucional UNESP, 2019.

RODRÍGUEZ, F. T. **Síndrome de Down**: da estimulação precoce do bebê ao acolhimento precoce da família. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: PUC, 2007.

SILVA, L. M.; CANAVEZ, F. Medicalização da vida e suas implicações para a clínica psicológica contemporânea. **Rev. Subj.**, Fortaleza , v. 17, n. 3, p. 117-129, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000300011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 ago. 2023. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i3.5813>.

SOARES, A. P. B.; FREITAS, F. C.; ALMEIDA, L. K.; SOUZA, M.; BARBOSA, R. O. **O Conceito de Fantasia na Teoria Freudiana e na Obra**: “Homem dos Ratos”. São Paulo: RedePsi, 2008. Disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2008/05/12/o-conceito-de-fantasia-na-teoria-freudiana-e-na-obra-homem-dos-ratos/?amp=1>. Acesso em: 01 de junho de 2023.

VARELLA, A. D. **Transtorno de Personalidade Narcisista**: O que é e formas de tratamento. São Paulo: Drauzio Varella, 2022. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtorno-de-personalidade-narcisista-o-que-e-e-formas-de-tratamento/amp/>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

VIANNA, A. C. A. O mito de narciso e a psicanálise. **Trabalho apresentado em jornada de psicanálise** em 12/04/2014 no Círculo Psicanalítico do RGS. Disponível em: <[\(Microsoft Word - Ana Cristina, 2014, O mito de Narciso e a psican\341lise.doc\) \(circulopsicanaliticors.com.br\)](#)>. Acesso em: 03 de ago de 2023.

YOUNG, J. E.; KLOSKO, J. S.; WEISHAAR, M. E. **Terapia do Esquema:** Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras. Porto Alegre: Artmed, 2008. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=FEgrqcgtvN4C&oi=fnd&pg=PA10&ots=f711NHS60Q&sig=9aarmg_M9MwzSZuXqsPcbCK25OQ&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 10 de maio de 2023.